Caderno Setorial ETENE
Ano 9 | Nº 370| Dezembro | 2024 ISSN Online 2966-3482
Banco do Nordeste

Carne Suína

Kamilla Ribas Soares
Zootecnista. Doutora em Zootecnia
kamillars@bnb.gov.br

Resumo: Com a redução nos custos dos grãos, desde 1T2023, a suinocultura nacional começou a adentrar períodos mais favoráveis. Porém, o cenário internacional é desafiador, com incertezas econômicas, geopolíticas e climáticas, desencadeando uma realocação nas cadeias de suprimentos, que impactam diretamente os mercados. No acumulado de janeiro a novembro de 2024, as exportações de carne suína mantiveram-se estáveis: 0,01% (kg) e -1,74% (US$) em relação ao mesmo período de 2023. No Nordeste, as exportações caíram: -9,76% (US$) e -16,22% (Kg), em relação a 2023. O abate nacional atingiu 14,95 milhões de cabeças no 3T2024, +2,62% em relação ao 2T2024 e +2,14% em relação ao 3T2023. Na produção de carne, houve aumento de +4,85%, no 3T2024 em relação ao 2T2024. O fraco crescimento pode estar associado à retração no volume das importações chinesas (-43,09%). No Nordeste no 3T2024: queda de -2,26% no abate e estabilidade na produção de carne (0,23%), em relação ao 3T2023. A maior competitividade da carne suína em relação à bovina, principalmente no último semestre, refletiu na sua valorização, fruto da oferta controlada e ajustada à alta demanda do consumo interno. Ainda assim, as preocupações com a inflação, o câmbio segue pressionando a economia e os custos.

Palavras-chave: Suínos; Produção; Carnes; Desafios; Nordeste.

1 Overview do Mercado Global

O cenário internacional se mantém desafiador, com incertezas econômicas e geopolíticas relevantes, que vêm provocando uma realocação nas cadeias globais de suprimentos, somado a eventos climáticos na União Europeia e na China. Nos Estados Unidos, permanece a incerteza sobre o ritmo da desinflação e da desaceleração da atividade econômica, em paralelo, a possibilidade de mudanças na condução de uma nova política econômica. O que também traz adicional incerteza ao cenário, particularmente com possíveis estímulos fiscais, restrições na oferta de trabalho e introdução de tarifas à importação (BCB/

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Breno Pereira Aragão, Rhian Erik Magalhães Barboza, Rodrigo Donato Paes e Tamires Pimentel Torres (Bolsistas de Nível Superior).
O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.
Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. http://www.bnb.gov.br/etene. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

COPOM, dez 24). O gerenciamento da inflação continuará sendo importante, com ajustes nas taxas de juros que inspire confiança nos mercados, seja para investidores, empresas ou para o próprio mercado consumidor. Na produção animal, os efeitos das elevadas taxas de juros, na maioria das principais economias, impactam custos de produção de animais em confinamento, principalmente frangos, suínos e bovinos. Apesar disto, a carne suína permanece bem-posicionada, já que a demanda pela proteína é historicamente menos sensível ao fator renda que proteínas mais caras, como carne bovina.

De acordo com dados do USDA (2024a), a produção global de carne suína deve se manter estável, em torno de -0,24% em relação à última previsão de outubro do ano passado, equivalente a 116,02 milhões de toneladas, atribuída a menor produção na China e na União Europeia. A estimativa da produção global para 2025 é de leve queda em torno de -0,77%, (115,13 milhões de toneladas). Entre 2018 e 2020, as importações chinesas de carne suína foram determinantes tanto para o aumento dos volumes globais exportados, quanto para a queda no comércio global em 2021 e 2022. Após triplicar suas importações em dois anos, (2018-2020), em decorrência de perdas pelos surtos de PSA (Peste Suína Africana), a partir de 2021 e sobretudo em 2022, o país asiático voltou a recompor seus rebanhos, desencadeando uma queda significativa nas importações. Ainda assim, isso não significa que a China deixou de ser um grande player, pois o país ainda disputa a vanguarda de avanços tecnológicos em diversas áreas.

A produção de carne suína da União Europeia (UE) deverá crescer 2,0% em 2024, como resultado de uma ampla oferta de leitões, associada à redução nos custos de ração. Com isso, o excesso de oferta de carne suína ativou a concorrência e reduzir os preços, melhorando a competitividade da carne suína da UE no mercado global ao longo deste ano. Todavia, para 2025, deverá retrair -1,7%, uma vez que os mercados nacionais e de exportação para a produção adicional de carne suína são limitados e, como consequência, os preços deverão cair, resultando em uma menor produção de carne suína no próximo ano (USDA, 2024b).

Nos EUA, o ano de 2023 foi um ano difícil para os produtores de suínos. O relatório trimestral de suínos de novembro de 2024 mostra que, as exportações de carne subiram desde setembro, um aumento de 8,6% no trimestre em relação ao mesmo período de 2023. As exportações totais deste ano deverão superar em 4,8% a marca do ano anterior. E para 2025 espera-se um acréscimo de 2,8% no total. Todavia, a produção de carne suína no quarto trimestre de 2024 deverá sofrer retração, devido a uma menor disponibilidade de suínos prontos para abate e com valorização nos preços. De maneira que, no primeiro semestre de 2025, os abates deverão seguir em um ritmo mais lento e com animais mais leves (USDA, 2024c).

As exportações globais de carne suína em 2024 foram estimadas em 10,31 milhões de toneladas. A previsão da demanda em importações globais de carne suína deve chegar em 2024 a 8,83 milhões de toneladas, valores 4,06% inferiores aos de 2023 (9,02 milhões de toneladas), (USDA, 2024a). A expectativa é que para 2025 ocorra uma retração nas transações, uma vez que os principais países exportadores UE, os Estados Unidos e o Brasil passam a competir cada vez mais pelo mercado chinês, ao mesmo tempo que precisam buscar novos mercados para escaparem de uma dependência comercial da economia chinesa, para o caso de retração nas importações.

Tabela 1 – Desempenho global e dos principais players do segmento de carne suína (milhões de toneladas)

Indicador/UF	2022	2023	2024	2025	Variação (%)	
					2023-2024	2024-2025
Produção	**114,617**	**116,301**	**116,018**	**115,130**	**-0,24**	**-0,77**
China	55,410	57,940	56,750	55,500	-2,05	-2,20
União Europeia	22,277	20,829	21,250	20,900	2,02	-1,65
Estados Unidos	12,252	12,391	12,684	12,941	2,36	2,03
Brasil	4,350	4,450	4,495	4,550	1,01	1,22
Rússia	3,910	4,000	4,140	4,280	3,50	3,38
Vietnã	3,313	3,549	3,655	3,765	2,99	3,01

Indicador/UF	2022	2023	2024	2025	Variação (%)	
					2023-2024	2024-2025
Canadá	2,078	2,106	2,085	2,125	-1,00	1,92
México	1,530	1,557	1,590	1,615	2,12	1,57
Coreia do Sul	1,419	1,435	1,450	1,450	1,05	0,00
Japão	1,293	1,293	1,320	1,325	2,09	0,38
Selecionados	107,832	109,550	109,419	108,451	-0,12	-0,88
Outros	6,785	6,751	6,599	6,679	-2,25	1,21
Consumo	**113,307**	**115,461**	**114,584**	**113,782**	**-0,76**	**-0,70**
China	57,434	59,741	57,952	56,800	-2,99	-1,99
União Europeia	18,220	17,813	18,360	18,060	3,07	-1,63
Estados Unidos	9,957	9,829	9,991	10,134	1,65	1,43
Rússia	3,758	3,815	3,926	4,048	2,91	3,11
Vietnã	3,413	3,651	3,743	3,865	2,52	3,26
Brasil	3,033	3,038	3,012	3,067	-0,86	1,83
México	2,544	2,653	2,775	2,810	4,60	1,26
Japão	2,765	2,739	2,750	2,755	0,40	0,18
Coreia do Sul	2,072	2,109	2,212	2,252	4,88	1,81
Filipinas	1,545	1,522	1,573	1,579	3,35	0,38
Selecionados	104,741	106,910	106,294	105,370	-0,58	-0,87
Outros	8,566	8,551	8,290	8,412	-3,05	1,47
Exportações	**10,955**	**10,092**	**10,313**	**10,418**	**2,19**	**1,02**
Estados Unidos	2,878	3,095	3,244	3,354	4,81	3,39
União Europeia	4,179	3,125	3,000	2,950	-4,00	-1,67
Brasil	1,319	1,414	1,485	1,485	5,02	0,00
Canadá	1,416	1,327	1,440	1,450	8,52	0,69
Chile	0,230	0,263	0,265	0,268	0,76	1,13
México	0,285	0,258	0,240	0,240	-6,98	0,00
Rússia	0,170	0,200	0,220	0,240	10,00	9,09
Reino Unido	0,261	0,192	0,185	0,185	-3,65	0,00
China	0,101	0,096	0,098	0,100	2,08	2,04
Austrália	0,035	0,046	0,050	0,055	8,70	10,00
Selecionados	10,874	10,016	10,227	10,327	2,11	0,98
Outros	0,081	0,076	0,086	0,091	13,16	5,81
Importações	**9,796**	**9,201**	**8,827**	**9,026**	**-4,06**	**2,25**
Japão	1,523	1,431	1,430	1,430	-0,07	0,00
México	1,299	1,354	1,425	1,435	5,24	0,70
China	2,125	1,897	1,300	1,400	-31,47	7,69
Coreia do Sul	0,713	0,675	0,785	0,795	16,30	1,27
Reino Unido	0,779	0,757	0,755	0,745	-0,26	-1,32
Estados Unidos	0,610	0,518	0,539	0,547	4,05	1,48
Filipinas	0,561	0,448	0,505	0,510	12,72	0,99
Hong Kong	0,251	0,259	0,265	0,280	2,32	5,66
Canadá	0,234	0,261	0,245	0,240	-6,13	-2,04
Austrália	0,241	0,195	0,220	0,225	12,82	2,27
Selecionados	8,336	7,795	7,469	7,607	-4,18	1,85
Outros	1,460	1,406	1,358	1,419	-3,41	4,49

Fonte: USDA/PSD-Online (2024a). Adaptado pelos autores.

Na conjuntura atual, grandes desafios ainda pairam sobre a suinocultura brasileira. Os efeitos pós-pandemia e os reflexos dos conflitos geopolíticos como a guerra no Leste Europeu e do Oriente Médio sobre as cadeias de suprimentos, as adversidades climáticas (El Ninõ/La Ninã) e seus impactos na agropecuária determinam um ambiente propício à volatilidade dos mercados. Por outro lado, o bem-estar animal e as novas exigências legais para suinocultura são prerrogativas que

Ano 9 | Nº 370| Dezembro | 2024 ISSN Online 2966-3482

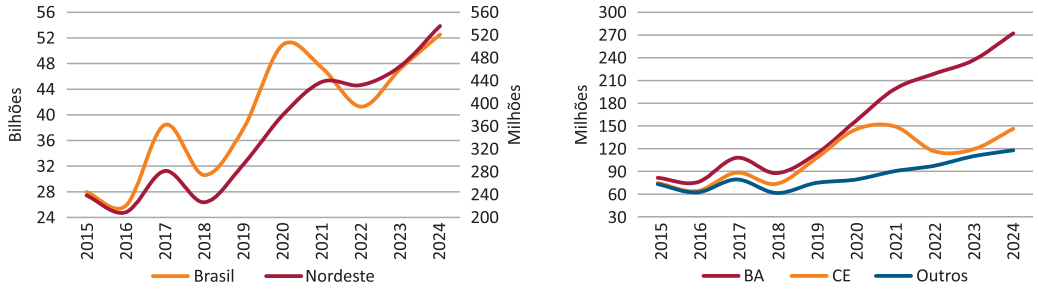
influenciam todo o mercado global. A Europa é percussora nas normas de bem-estar animal e é referência mundial, já sendo preconizados os ajustes voltados para o fim do uso de gaiolas para fases de gestação e maternidade nas granjas além das boas práticas no abate. A cadeia produtiva no Brasil fatalmente sofrerá influência das demandas internacionais. As legislações no Brasil, como a Instrução Normativa 113, desde 2020 vêm estabelecendo diretrizes para as boas práticas de manejo e bem-estar animal na produção de suínos e a Portaria 365, desde 2021 aprovou o regulamento técnico de manejo pré-abate e abate humanitário preconizados pelo MAPA. A boa performance de vendas brasileiras está sustentada no pilar da competitividade, por possuir proteínas de qualidade e de baixo custo. Porém, para poder continuar bem-posicionado no mercado, faz-se necessário bom planejamento e controle dos dados para não se perder em eficiência. Apesar dos impactos econômicos que esses ajustes tragam aos criadores, eles se tornarão cada vez mais urgentes para os modelos de criação, uma vez que nossos produtos concorrerão no mercado internacional com plantas de produção cada dia mais alinhadas com as normas de bem-estar e sustentabilidade, alinhadas com as exigências internacionais.

2 Conjuntura Nacional e Regional

O agronegócio brasileiro fechou o primeiro semestre com superávit acumulado de US$ 71,96 bilhões – queda de 2,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações do setor somaram US$ 81,40 bilhões, enquanto as importações, US$ 9,44 bilhões – valores 1,0% abaixo e 14,4% acima, respectivamente, dos observados em 2023 (IPEA, 2024a). De acordo com o Relatório Focus/BCB (2024), a previsão do PIB é de 3,44% em 2024 e 2,06% em 2025. A inflação deverá atingir 4,85% em 2024 e 4,73% em 2025. A taxa de câmbio prevista para o dólar é de R$ 6,00 em 2024 e R$ 5,81 em 2025. O PIB da agropecuária registrou queda de 0,9% no terceiro trimestre e de 0,8% na comparação ao 3T2023. Entre os fatores condicionantes no trimestre, estão os segmentos da pecuária e da produção florestal que foram destaques positivos e alguns produtos de peso relevante da lavoura, que registraram quedas na produção e na produtividade (IPEA, 2024b).

O Valor Bruto da Produção (VBP) Agropecuária nacional, no acumulado de janeiro a outubro deste ano, foi de R$1,2 trilhão. As lavouras participaram com R$ 820,19 bilhões (67,4%) e a pecuária, com R$ 397,47 bilhões (32,6%), destes, R$ 52,52 bilhões atribuídos ao Valor Bruto da Produção de Suínos, o que representou uma participação de 4,3% do Valor de Produção Pecuária. A produção é predominantemente concentrada nas regiões Sul e Sudeste, especialmente em estados como Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Considerando os dados regionais, o VBP Agropecuária no Nordeste foi de R$ 114,68 bilhões, a Pecuária representou 22,67% em torno de R$ 26,00 bilhões. Destes, o VBP Suínos tem uma participação ainda pouco expressiva de 1,02%, mas que equivale a R$ 536,12 milhões em valores gerados para economia regional, um crescimento praticamente ascendente desde 2018 (MAPA, 2024). Destaque no VBP Suínos dos estados da Bahia e Ceará, que na série histórica desde 2015, mantém essa ordem no topo da lista. A participação ascendente do setor, ficou evidenciada no período pandêmico pela facilidade de acesso pela grande parcela dos consumidores e pela competitividade da carne suína com outras carnes frente à crise econômica interna **(Figura 1)**.

Figura 1 – Desempenho do Valor Bruto da Produção de suínos no Brasil, Nordeste e estados do Nordeste



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da CGPOP/DAEP/SPA/MAPA (2024), da PTL/IBGE e Preços Conab (janeiro a outubro, 2024).
Nota: Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV – outubro/2024.

Ano 9 | Nº 370| Dezembro | 2024 ISSN Online 2966-3482

O Brasil é atualmente o quarto maior produtor de carne suína do mundo, atrás da China, da União Europeia e dos Estados Unidos, nesta ordem. Para este ano, espera-se um aumento de 5,05% na produção de cabeças, saindo de 45,75 milhões para 48,05 milhões de cabeças, bem como um aumento de 1,01% na produção de carne, atingindo 4,49 milhões de toneladas em 2024. Pela tradição na suinocultura industrial, com uma colaboração de 13% no VBP Pecuário nacional, o País deve permanecer com uma boa fatia de mercado, considerando que toda a produção de carne suína do Brasil (4,49 milhões de toneladas), representa pouco menos de 10% da demanda de consumo total da China (56,75 milhões de toneladas), principal destino das exportações da carne suína brasileira. O País segue abrindo novos mercados como forma de reduzir a dependência do mercado chinês **(Tabela 1)**.

Atrelada à produção, a sustentabilidade na suinocultura brasileira tem ganhado destaque nos últimos anos, tanto com a implementação de práticas mais responsáveis em relação ao meio ambiente como: a gestão de resíduos/dejetos, o uso de energias renováveis, inovações genéticas e adaptação ao clima; quanto em relação à saúde dos animais como a preocupação com o Bem-Estar Animal e a redução de uso de Antibióticos/medicamentos. Esses avanços buscam não apenas melhorar a eficiência produtiva, mas também reduzir os impactos negativos da atividade. A sustentabilidade, portanto, não é apenas uma exigência do mercado, mas também uma oportunidade para tornar a produção suína mais competitiva, rentável e alinhada com os desafios globais de preservação ambiental e segurança alimentar.

Nos últimos anos, os produtores brasileiros vinham enfrentando margens de lucro negativas. Em 2023 as margens começaram a melhorar, refletindo em boas expectativas para 2024, baseadas na redução dos custos de produção, por avanços na economia pela redução da inflação e na melhoria do consumo interno gerando demanda para ganhos na produção. Para 2025, o aumento previsto está em torno de 1% na produção, atingindo 4,55 milhões de toneladas. O consumo deverá atingir 3,1 milhões de toneladas, devido à melhor disponibilidade interna e preços mais baratos (USDA, 2024).

Outro fator que influencia o consumo doméstico de carne suína é a sazonalidade. Os consumidores brasileiros tendem a aumentar o consumo de carne suína durante o fim do ano, para as comemorações de Natal e Ano Novo. O aumento na circulação de recursos, com o pagamento de salários e do 13º, somado às festividades de fim de ano, deve favorecer o consumo de proteínas mais acessíveis, como carne suína e frango. Esse cenário é ainda mais favorável diante dos altos preços da carne bovina.

2.1 Exportações

O Brasil é o terceiro maior exportador de carne suína do mundo, segundo dados oficiais do USDA (2024). Considerando dados do MDIC/Comex (2024), no acumulado de janeiro a novembro de 2024 (1,2 milhão de toneladas e US$ 2,74 bilhões), os embarques foram muito semelhantes aos registrados no mesmo período de 2023 (1,2 milhão de toneladas e US$ 2,79 bilhões), variações de -1,74% (US$) e 0,01% (volume). Julho foi um mês recorde de exportação para o Brasil na série histórica, em torno de 130 mil toneladas. Os resultados de novembro demonstraram que as exportações de carne suína “in natura” do Brasil alcançaram US$ 289,40 milhões, volume de 119,41 mil toneladas e preço médio por tonelada de US$ 2.423,66; em relação a novembro de 2023, houve um crescimento em valores de 30,78%, em volume de +17,40% e o preço médio teve alta de 11,40%.

De acordo com dados do MDIC/Comex (2024), completando o ranking dos cinco maiores destinos estão a China com 221,07 mil toneladas (-43,09%), Filipinas, com 219,7 mil toneladas (+84,22%), Chile, com 102,8 mil toneladas (+17,6%), Hong Kong, com 97,33 mil toneladas (-23,1%) e Japão, com 85,08 mil toneladas (+110,94%).

A China segue como principal destino das vendas externas, todavia as retrações nas importações neste ano (-43,09%), revelam oscilações que podem impactar o setor de carne suína. De janeiro a novembro de 2024, a China respondeu por 18% de participação das exportações brasileiras de carne suína. Em 2023, o Brasil ultrapassou a Espanha e se tornou o maior exportador de carne suína para a China, tanto em volume quanto em valor, posição que foi mantida nos primeiros sete meses de 2024. Aliado a isso, alguns concorrentes europeus estão enfrentando desafios com doenças animais, e suas exportações podem continuar a ser impactadas negativamente, favorecendo o Brasil. Além da China, o Chile destacou-se como relevante importador, absorvendo 9% das exportações brasileiras de carne

Ano 9 | Nº 370| Dezembro | 2024 ISSN Online 2966-3482

suína. Com a capilaridade das exportações de carne suína aumentando, pela primeira vez, mesmo em alta, as vendas para Hong Kong foram superadas por outros dois destinos, as Filipinas e o Chile, nações de regiões distintas que vêm aumentando significativamente a sua demanda pelo produto brasileiro. O Japão também tem aquecido a demanda por carne suína brasileira, o que sinaliza o elevado padrão de qualidade dos produtos nacionais frente ao detalhado protocolo japonês **(Tabela 2)**.

Os dados reforçam a importância da diversificação de destinos e a necessidade de monitorar as oscilações da demanda externa, especialmente em mercados tão relevantes quanto o chinês. Apesar disso, os mercados sul-americanos e asiáticos ainda possuem uma participação bastante limitada no cenário geral, indicando oportunidades de diversificação, mas também de desafios logísticos e comerciais. O Brasil tem trabalhado intensamente para garantir novos mercados e compensar a retração chinesa, uma vez que este mercado ainda representa quase um quinto das exportações nacionais. Neste ano, o País abriu 17 novos mercados, chegando a lares em 125 países diferentes e manteve o desempenho de 2023. Os produtos suínos exportados variam desde a carne, a colágeno e gelatina, suínos vivos para reprodução, miúdos comestíveis, gordura e proteínas processadas para ração animal, pepsina e derivados de sangue para ração animal (MDIC/Comex, 2024).

O Brasil sobressai com enorme vantagem em relação aos concorrentes em relação ao bom controle e monitoramento de doenças como a Peste Suína Africana (PSA), Peste Suína Clássica (PSC), a Síndrome Reprodutiva e Respiratória Suína. Não há casos de PSA no Brasil até o momento. Além disso, conforme reconhecimento da WOAH – Organização Mundial de Saúde Animal, todo o território é considerado livre de febre aftosa com vacinação e está trabalhando no reconhecimento do País como livre de febre aftosa sem vacinação, sendo que algumas regiões já receberam o reconhecimento como livres de febre aftosa sem vacinação pela WOAH. A expectativa é que, à medida que mais países adotem o entendimento atual da WOAH, o que favorecerá as exportações de diferentes Estados do País.

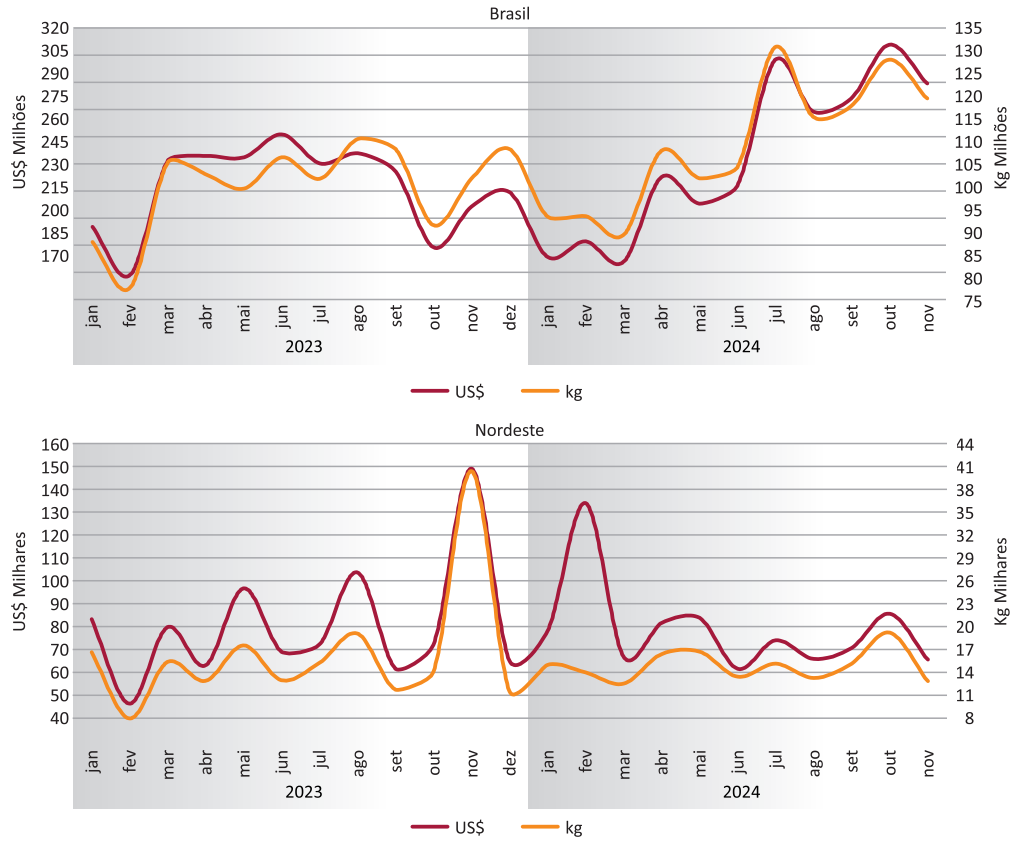
Tabela 2 – Desempenho das exportações brasileiras de carne suína, no acumulado janeiro a novembro de 2023 a 2024

Países	2023		2024		Variação (%)	
	US$	kg	US$	kg	US$	kg
China	935.703.899	388.449.534	481.511.231	221.071.463	-48,54	-43,09
Filipinas	285.377.362	119.280.783	503.344.976	219.744.418	76,38	84,22
Chile	197.335.431	87.401.924	236.093.603	102.774.604	19,64	17,59
Hong Kong	282.203.560	126.623.655	207.445.867	97.329.632	-26,49	-23,13
Japão	134.657.585	40.336.307	283.737.188	85.084.446	110,71	110,94
Singapura	163.145.243	64.313.192	184.339.893	74.258.254	12,99	15,46
Vietnã	114.769.177	47.732.741	111.850.203	47.498.568	-2,54	-0,49
Uruguai	113.911.008	48.724.988	101.522.182	42.522.174	-10,88	-12,73
México	70.122.202	28.341.514	100.125.622	42.110.654	42,79	48,58
Angola	43.087.509	34.325.060	36.658.077	27.040.831	-14,92	-21,22
Selecionados	2.340.312.976	985.529.698	2.246.628.842	959.435.044	-4,00	-2,65
Outros	445.089.745	215.255.064	490.169.658	241.491.905	10,13	12,19
Total	2.785.402.721	1.200.784.762	2.736.798.500	1.200.926.949	-1,74	0,01

Fonte: MDIC/ ComexStat (2024). Adaptado pelos autores.

Em 2024, no acumulado de janeiro a novembro, foram embarcadas no Nordeste, cerca de 163 toneladas e faturamento de US$ 867,60 mil para 44 países até o momento, porém representou um decréscimo de -16,22% (Kg) e -9,76% (US$) em relação ao memo período de 2023, em que o Nordeste exportou 195,24 toneladas no valor de US$ 961,44 mil **(Figura 2)**. A produção de carne suína nordestina é altamente dependente das oscilações de mercado. Por ser muito competitiva em relação as outras fontes proteicas, principalmente a carne bovina é fortemente absorvida no mercado regional. Nos últimos meses, a carne bovina segue valorizada, com alta na arroba do boi gordo, favorecendo exportações e elevando os preços no mercado interno. Com isso, a carne suína torna-se uma opção ainda mais atraente para o mercado interno, principalmente na Região Nordeste, que convive com uma grande demanda insatisfeita.

Figura 2 – Desempenho mensal das exportações de carne suína pelo Brasil e pelo Nordeste brasileiro



Fonte: MDIC/ComexStat (2024). Adaptado pelos autores.

Em relação ao destino, há colônias que se emanciparam, mas continuam dependentes de importação de proteína devido às limitadas condições de seus territórios, como as Ilhas Marshall e Singapura, insulares, mas com economias bastante distintas. Enquanto as Ilhas Marshall têm poucas opções econômicas, Singapura é um dos países do grupo dos Tigres Asiáticos, juntamente com Hong Kong (Regiões Administrativas da China), com grande perspectiva de mercado. O Panamá, um dos principais destinos das exportações de carne suína do Nordeste, tem como principal economia o setor de serviços associado ao Complexo do Canal do Panamá **(Tabela 3)**. Entretanto, no acumulado de janeiro a novembro deste ano, conforme explicitado, houve retração nas importações pelos principais destinos da carne suína nordestina.

Tabela 3 – Desempenho das exportações nordestinas de carne suína, no acumulado janeiro a novembro de 2023 a 2024

Países	2023		2024		Variação (%)	
	US$	kg	US$	kg	US$	kg
Ilhas Marshall	194.647	37.336	146.010	29.825	-24,99	-20,12
Libéria	153.348	30.255	141.659	28.829	-7,62	-4,71
Panamá	159.565	31.620	127.194	26.403	-20,29	-16,50
Hong Kong	74.524	13.159	79.104	16.462	6,15	25,10
Singapura	54.446	10.620	43.366	9.439	-20,35	-11,12
Malta	42.588	7.523	47.636	9.403	11,85	24,99
Espanha	-	-	90.548	6.167	-	-
Chipre	22.942	3.716	28.199	5.408	22,91	45,53
Bahamas	25.063	4.889	22.904	4.431	-8,61	-9,37
Noruega	27.482	5.452	19.793	4.134	-27,98	-24,17
Selecionados	754.605	144.570	746.413	140.501	-1,09	-2,81
Outros	206.831	50.669	121.187	23.064	-41,41	-54,48
Total	**961.436**	**195.239**	**867.600**	**163.565**	**-9,76**	**-16,22**

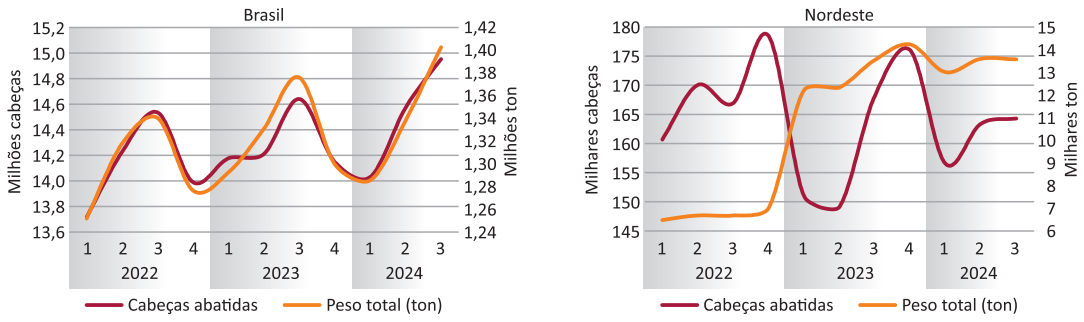
Fonte: MDIC/Comexstat (2024). Adaptado pelos autores.

2.2 Abate

Segundo o IBGE (2024a), o abate de suínos no Brasil atingiu 14,95 milhões de cabeças no 3T2024. Analisando o abate de suínos depois de um longo ciclo de crescimento da produção, (intensificado entre 2019 e 2022), observa-se que no acumulado dos três primeiros trimestres de 2024 houve pequeno crescimento no número de cabeças abatidas (+1,23%), com estabilidade em toneladas de carcaças (+0,67%), quando comparado com o mesmo período de 2023. Esse crescimento cauteloso pode estar associado à retração econômica chinesa que vem controlando suas importações e limitando a demanda. Por outro lado, na comparação por trimestre, houve aumento no abate (cabeças) de +2,62% no 3T2024 em relação ao 2T2024 e aumento de +2,14% na relação interanual, 3T2023. A produção de carne cresceu +4,85%, partindo de 1,34 milhão de toneladas no 2T2024 para 1,40 milhão de toneladas no 3T2024 **(Figura 3)**.

A produção de suínos no Nordeste enfrenta diversos desafios relacionadas ao clima, à infraestrutura, aos custos de produção e ao mercado consumidor. Há predominância de sistemas de criação independentes, em sua maioria de mini, pequenos e médios produtores, e em muitos casos, de ciclo completo. O abate é regulado e supervisionado por órgãos de fiscalização sanitária, mas ainda enfrenta desafios relacionados a infraestrutura, bem-estar animal e condições de produção em algumas áreas mais remotas. Todavia, a atividade tem avançado na inclusão de inovações tecnológicas, na melhoria do manejo e na expansão do mercado. O foco em práticas mais eficientes e sustentáveis, aliado a uma maior capacitação dos produtores, tem permitido um crescimento considerável da produção. Nas áreas mais vocacionadas para produção de grãos, concentra-se grande parte dos produtores, o que auxilia na redução de custos por favorecer a logística de insumos para as dietas. Entretanto, a demanda insatisfeita de assistência técnica ainda é grande. Há um esforço contínuo para modernizar o setor e garantir a qualidade da carne produzida. O fortalecimento do cooperativismo seria uma boa alternativa de integração entre produtores e fornecedores em um esforço colaborativo para impulsionar o setor. Assim, inúmeros benefícios poderiam ser agregados a atividade, como o acesso a assistência técnica de qualidade facilitando a adoção de práticas sustentáveis, o compartilhamento de tecnologias, recursos e estratégias para alcançar melhores resultados de produção/produtividade, além de ampliar a geração de emprego e renda.

Figura 3 – Desempenho trimestral do abate e da produção de carne no Brasil e no Nordeste



Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2024).
Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

Com a evolução da suinocultura industrial nordestina, a desmistificação de informações equivocadas sobre a carne suína e a preferência no paladar dos cortes suínos para diferentes pratos, além do menor preço, são fatores que estão impulsionando a produção local. A Bahia, lidera o ranking de produção de suínos, fortemente distribuída no oeste baiano, pela facilidade de acesso à produção de grãos, inseridos na área do MATOPIBA. A própria demanda aquecida, tem sido responsável pelo aumento significativo da produção, em Estados onde a geografia da produção não é tão favorável em relação às áreas de produção de milho e de soja, como Ceará e Pernambuco, segundo e terceiro maiores produtores da Região, mas que possuem fácil acesso ao MATOPIBA, reduzindo custos de produção com insumos e logística. Neste aspecto, no 3T2024 a Bahia abateu 71,6 mil cabeças, com peso de 6,54

mil t. No geral, os suinocultores nordestinos têm mostrado não apenas resiliência diante das adversidades, mas aumentaram a capacidade produtiva para atender os mercados, também complexos, tanto o global como o doméstico **(Tabela 4)**. Todavia, a maioria dos produtores ainda operam de forma individualizada, fora de um sistema de integração ou cooperação e por isso assumem de forma individual lucros e prejuízos na atividade. Segundo XIMENES, (2021) é importante ressaltar, que o porto de Itaqui, no Maranhão, tem potencial para operar no embarque de cárneos, e tem se destacado na logística de escoamento das commodities agrícolas não apenas do Nordeste, mas de outras regiões do País.

Considerando o 3T2024, o abate regional de suínos caiu -2,26% em relação ao 3T2023 (168,08 para 164,28 mil cabeças), com estabilidade na produção de carne de +0,23% (13,53 mil para 13,56 mil toneladas). Ainda assim, o peso ao abate dos animais do Nordeste (5,50@) obteve menor peso médio que a média nacional (6,25@). Por outro lado, a preferência do consumidor pela carne suína tem crescido na Região, principalmente pela carne resfriada, somada à facilidade de acesso pelo menor custo quando comparada à carne bovina **(Figura 3)**.

Tabela 4 – Desempenho trimestral do abate de suínos no Nordeste, animais abatidos (cabeças) e peso total das carcaças (kg) de 2023 a 2024. Variação trimestral (%)

Variável /UF	2023				2024			2024-2023	2024-2024
	1T	2T	3T	4T	1T	2T	3T	3T/3T	3T/2T
Suínos abatidos	**151.038**	**149.071**	**168.076**	**176.040**	**156.537**	**163.377**	**164.278**	**-2,26**	**0,55**
BA	70.883	62.260	78.216	81.161	72.962	74.600	71.598	-8,46	-4,02
CE	36.457	42.096	43.072	46.623	43.108	45.521	47.702	10,75	4,79
PE	16.831	16.560	17.236	18.042	15.137	17.753	18.447	7,03	3,91
MA	11.496	12.109	13.499	13.800	11.810	12.186	12.776	-5,36	4,84
PI	7.699	9.183	9.149	8.955	6.645	8.069	8.204	-10,33	1,67
RN	2.734	2.397	2.254	2.277	2.729	2.599	2.781	23,38	7,00
AL	4.938	4.466	4.650	5.182	4.146	2.649	2.770	-40,43	4,57
Peso total (Kg)	12.194.512	12.322.471	13.533.140	14.225.621	13002200	13.594.119	13.564.289	0,23	-0,22
BA	6.339.748	6.001.230	7.064.923	7.178.493	6.524.600	6.891.851	6.540.662	-7,42	-5,10
CE	2.895.962	3.325.437	3.399.085	3.738.945	3.730.990	3.893.488	4.091.716	20,38	5,09
PE	1.026.468	998.338	1.060.452	1.132.013	997.240	1.140.106	1.166.056	9,96	2,28
MA	1.042.813	1.115.022	1.136.500	1.271.064	975.966	975.061	1.039.851	-8,50	6,64
PI	310.234	359.771	352.823	343.854	259.230	306.433	329.138	-6,71	7,41
AL	393.455	361.163	374.539	408.888	330.343	214.149	211.172	-43,62	-1,39
RN	185.832	161.510	144.818	152.364	183.831	173.031	185.694	28,23	7,32

Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2024a).
Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

A carne suína vem ganhando competitividade em relação à carne bovina desde 2020 e de maneira mais evidenciada em 2023. Neste ano, o setor deve encerrar 2024 em fase de recuperação, com margens positivas e produção estável, principalmente a partir do desempenho no segundo semestre. Segundo o Cepea (2024a), o cenário de altas acentuadas observado ao longo de novembro foi resultado de uma união de fatores: demandas interna e externa aquecidas, oferta restrita de animais para abate e ganhos de competitividade da proteína suína em relação à carne bovina no mercado doméstico (maior patamar desde junho/23). Chama bastante a atenção o movimento do mercado de boi gordo que, a exemplo do suíno, teve alta bastante acentuada nos últimos meses, atingindo valores máximos em novembro, com recuo na entrada do último mês do ano.

Para 2025, com a virada do ciclo pecuário da bovinocultura de corte, espera-se uma redução na disponibilidade interna de carne bovina, associada a um crescimento insuficiente da produção de suínos, o que deve resultar em oferta reduzida de proteína animal diante da demanda doméstica e internacio-

nal, refletindo na valorização dos preços para os produtores. Cabe lembrar que quanto mais alta a relação percentual boi-suíno e quanto mais baixa a relação suíno-frango, mais competitiva é a carne suína em relação às outras. Caso este cenário previsto pelo USDA (2024a), de uma oferta brasileira seguindo mais contida em 2025, como foi em 2024, a tendência é de sustentação da rentabilidade.

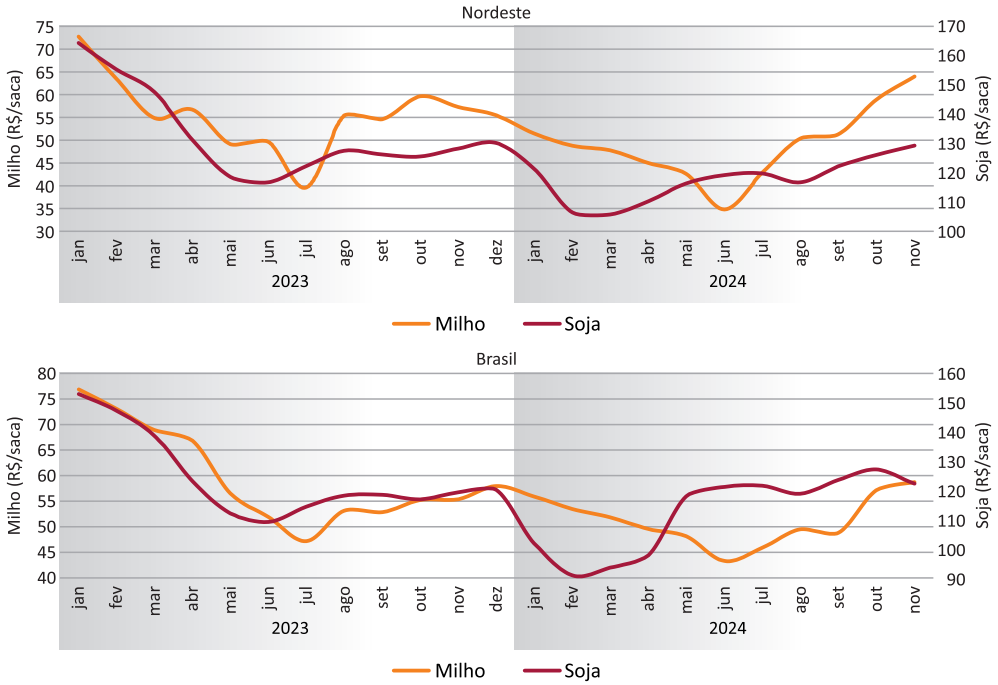
No Brasil, a produção suína é fortemente impactada pelo custo da ração, pois representa pelo menos 70% dos custos totais. É importante uma atenção maior ao milho, não somente na produção brasileira, mas também nos estoques mundiais que sinalizam para serem os mais baixos dos últimos anos. De acordo com o 3º levantamento da safra de grãos 2024/2025 da Conab (2024a), a safra brasileira segue sem grandes alterações em relação à anterior. Há previsão de aumento na colheita de milho com estimativa de 119,6 milhões de toneladas, crescimento de +3,4% em relação ao ano anterior, atribuído ao aumento de produtividade em +3,7%, pois a área plantada deverá reduzir em -0,3%. Alguns produtores de milho estão migrando para outras lavouras, desanimados com a retração nos preços. Para a safra de soja, o Brasil deverá colher 166,21 mil toneladas, +12,5% superior à safra 24/25, com produtividade média de 3.509 kg/ha, alta de +9,6%.

Por outro lado, a previsão climática sinaliza período de transição das condições de neutralidade para o La Niña durante o trimestre dezembro de 2024, janeiro e fevereiro de 2025, probabilidade de 50%. No Nordeste, há previsão de chuvas espacialmente irregulares, com volumes próximos e abaixo da média em grande parte da Região. Porém, em áreas do Ceará, leste e noroeste da Bahia, sul do Maranhão e sudeste do Piauí, podem ocorrer chuvas acima da média, que podem contribuir para a elevação do armazenamento hídrico do solo, principalmente entre janeiro e fevereiro de 2025. Os maiores volumes de chuva em novembro foram observados no sul do Maranhão e do Piauí, bem como o Oeste e Centro-sul da Bahia, com valores acima de 90 mm. Já na faixa que vai deste o norte do Maranhão até o nordeste de Sergipe, os volumes ficaram abaixo de 40 mm, havendo redução dos níveis de umidade no solo (Conab, 2024a).

Neste ano, a Sindirações observa que o custo da alimentação para suínos recuou mais de 20% (média do 1º. Sem/24 vs. média do 1º. Sem/23), sobretudo por conta do preço do milho que recuou mais de 15%, apesar da valorização do dólar americano, moeda indexadora das aquisições dos insumos importados para fabricação de rações. Estima-se que o setor de ração produzirá 89,3 milhões de toneladas em 2024, com 21 milhões destinadas à indústria suína.

Como o País convive com sérios problemas de déficit de armazenagem para estocagem da alta produção, a oferta ainda continua grande, mas as cotações do milho continuam relativamente baixas, determinando junto com o preço do farelo de soja, um menor custo de produção de suínos, o que tende a valorizar o suíno vivo, trazendo um cenário mais favorável ao produtor. Segundo a avaliação da Conab (2024b)7, entre janeiro e novembro de 2024 a nível nacional, o preço da soja variou +20,08% (de 101,80 para 122,25 R$/saca de 60kg) e do milho +5,07% (de 55,89 para 58,72 R$/saca de 60 kg), nesta ordem. Segundo análise de preços do Cepea (2024b), o preço médio (MG; PR; RS; SC; SP) da carne suína também subiu +52,12% (6,37 para 9,69 R$/kg de suíno vivo), considerando valores nominais pagos ao produtor, de janeiro a novembro. A região Nordeste seguiu a mesma tendência de oscilação nos preços, o preço da soja variou +6,55% (de 121,31 para 129,26 R$/saca de 60kg) e do milho, aumento de +24,35% (de 51,47 para 64,00 R$/saca de 60 kg), nesta ordem. Em novembro, segundo o Cepea (2024a), o poder de compra dos suinocultores paulistas se recuperou frente ao milho e cresceu pelo quinto mês seguido em relação ao farelo de soja. Porém, com a queda do preço do suíno em dezembro, mesmo com a estabilização do preço do milho, a tendência é de redução do poder de compra do suinocultor em relação ao cereal **(Figura 4)**.

Figura 4 – Preços (R$) pagos ao produtor por saca de milho e soja (R$/60 kg) no Brasil e no Nordeste



Fonte: Conab (2024b).
Nota: Preços da Soja no Nordeste, referentes aos Estados da Bahia, Maranhão e Piauí.

Quando comparado com o ano anterior, observou-se forte demanda por produtos cárneos, com notável aumento no consumo, sendo que os dados da atividade econômica e do mercado de trabalho seguem com maior dinamismo do que era esperado. Segundo o Cepea (2024), em novembro, os preços do suíno vivo operaram nas máximas nominais da série histórica desde 2002, em todas as regiões, resultado de uma união de fatores como as demandas interna e externa aquecidas, oferta restrita de animais para abate e ganhos de competitividade da proteína suinícola em relação à carne bovina no mercado doméstico. Por outro lado, a taxa de desocupação vem caindo no País desde o 4T2021, sendo que no trimestre de julho a setembro de 2024, ficou em torno de 6,4%, uma redução de -16,88% em relação ao mesmo período do ano passado (7,7%), mas ainda representa uma parcela de 7.001 milhões de pessoas desocupadas. Enquanto, a parcela daquelas que pararam de procurar emprego (desalentadas), no 3T2024 foi em torno de 3,10 milhões de pessoas, o que representou 11,3% a menos de desalentados em relação ao 3T2023, sinalizando um avanço para o mercado de trabalho. No Nordeste, a taxa de desocupação no 3T2024 caiu para 8,7%, queda de -19,44% em relação ao 3T2023 (10,8%), sinalizando o retorno de 516 mil pessoas ao mercado de trabalho. A taxa de desalentados também caiu de 2,21 milhões para 1,90 milhão de pessoas, queda de -13,9%, refletindo dinamismo e esperança no mercado de trabalho (IBGE/PNADContínua, 2024b). Desta forma, beneficiadas pela continuidade da resistência no mercado de trabalho e renda familiar, as expectativas para o 4T2024 levaram o indicador para o patamar positivo, que sinaliza condições de oferta mais favoráveis com melhorias no poder de compra.

De acordo com a análise do Cepea sobre o Mercado de Trabalho (2024c), no segundo trimestre de 2024, o setor de agronegócios empregou 28,6 milhões de pessoas. Considerando a suinocultura nordestina, no acumulado anual de 2018 a 2023, destaca-se tanto o crescimento positivo no saldo de empregos no período, quanto no aumento na quantidade de vínculos empregatícios ativos, encerrando o ano de 2023 com crescimento de 95,61% em relação a 2018 (Tabela 5). Destaque não apenas para o desempenho do Ceará e Bahia, que são Estados onde a produção de suínos é maior, mas também Maranhão e Piauí, pela facilidade de acesso a grãos do circuito MATOPIBA (MTE/RAIS-CAGED, 2024).

ISSN Online 2966-3482

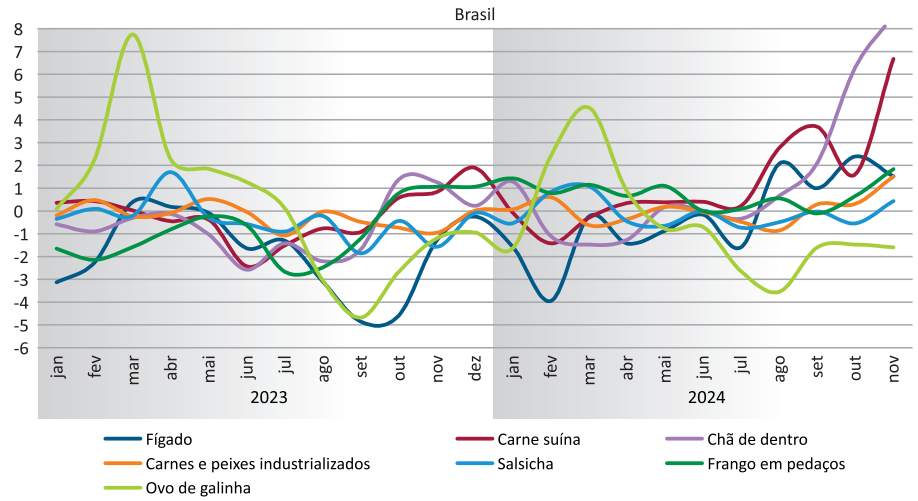
Tabela 5 – Saldo de empregos [1] e vínculos empregatícios ativos da Suinocultura na área de atuação do Banco do Nordeste, no período de 2018 a 2023

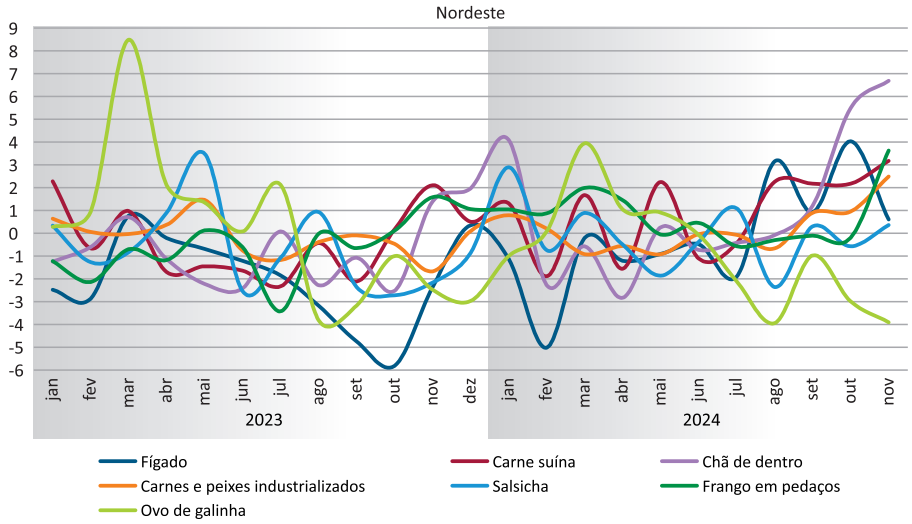
Unidade geográfica	2018	2019	2020	2021	2022	2023[2]	Variação %
Ceará	422	697	814	972	1016	1049	148,58
Bahia	344	387	377	738	533	835	142,73
Maranhão	129	97	45	168	153	256	98,45
Minas Gerais[3]	168	149	141	144	109	88	-47,62
Alagoas	78	69	63	58	61	76	-2,56
Pernambuco	40	33	35	60	43	59	47,50
Piauí	17	3	9	14	44	37	117,65
Sergipe	31	12	13	12	23	21	-32,26
Rio Grande do Norte	4	1	2	4	12	14	250,00
Espírito Santo[3]	17	21	16	18	19	13	-23,53
Paraíba	3	2	1	1	-	3	-
Vínculos ativos	**1253**	**1471**	**1516**	**2189**	**2013**	**2451**	**95,61**
Saldo de empregos	**30**	**31**	**53**	**282**	**98**	**161**	**436,67**

Fonte: Ministério do Trabalho - PDET - RAIS. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE (2024).
Notas: Subclasse CNAE - Criação de Suínos. [1] Saldo de empregos, considera a diferença entre admitidos e desligados. [2] Dados da RAIS 2023 são parciais. [3] Valores correspondem a soma dos municípios que estão na área de atuação do BNB.

No período de janeiro a novembro deste ano, observou-se variação mensal positiva nos preços das carnes de frangos, fígado, peixes processados, salsicha, porém mais evidentes para carne bovina (chã de dentro) e carne suína, provavelmente pela evolução no consumo. O ovo de galinha obteve comportamento estável após leve retração na variação dos preços, sinalizando estabilidade. A maior demanda por carne bovina (chã de dentro) e carne suína sinaliza uma melhora no poder de compra da população em consonância com a redução da taxa de desemprego, ajustes no salário-mínimo. Na região Nordeste, o comportamento iniciado em meados do segundo semestre de 2023, foi sentido de forma semelhante ao restante do País, porém com menor intensidade **(Figura 5)**. Apesar da ligeira melhoria no acesso a proteínas de maior qualidade por parte da população, o quadro ainda não é estável e a inflação sobre alimentos ainda representa forte impacto para a economia.

Figura 5 – Variação média mensal (%) nos preços de proteínas alternativas e cortes de carnes no Brasil e no Nordeste.



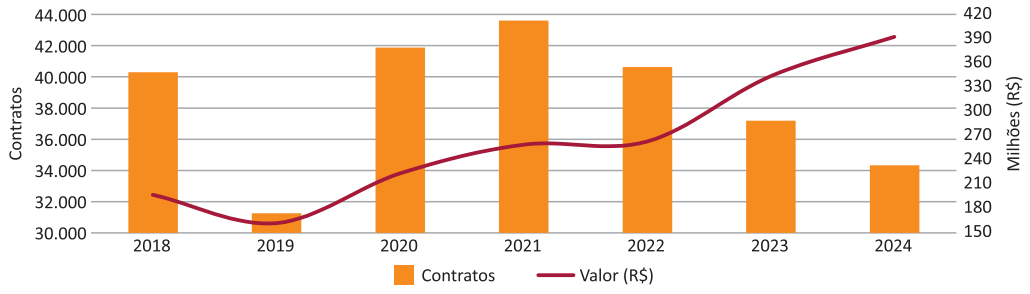


Fonte: IBGE/SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - (2024c). Elaborado pelos autores.
Notas: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Variações de preços da cesta de consumo da população assalariada com mais baixo rendimento (50% da população), de 1 a 5 salários-mínimos, mais sensíveis à inflação. Amostra: Recife, Fortaleza e Salvador.

2.3 Banco do Nordeste

O Banco do Nordeste sempre esteve presente apoiando fortemente a suinocultura em sua área de atuação, oferecendo programas de crédito especializados voltados para as diferentes categorias de produtores. Dados comparativos de janeiro de 2018 a outubro de 2024, apontam o avanço crescente do crédito FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste) na Região, aumento de +99,12% nos valores contratados. Considerando o acumulado, o Banco investiu cerca de R$ 1,84 bilhão em suinocultura **(Figura 6)**. O maior percentual de investimentos é no Semiárido (74,6%), com recursos do FNE – Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste, em cerca de 99,2% das operações **(Tabela 6)**. As contratações no Ceará, Maranhão, Bahia e Piauí se destacaram no período, com participações de 22,5%, 19,3%, 17,1%, 16,4%, respectivamente, nos investimentos do setor. De maneira geral, as contratações da suinocultura cresceram cerca de 13,72% na Região neste ano em relação ao ano passado, sendo (+25,12%) Maranhão, (25,73%) Piauí, (+32,52%) Minas Gerais, (+59,01%) Pernambuco e Alagoas (+24,13%). Para o próximo ano, as perspectivas de investimentos seguem positivas e crescentes (BNB, 2024).

Figura 6 – Desempenho das aplicações de recursos do FNE - Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste em Suinocultura, na área de atuação do Banco do Nordeste. Acumulado de janeiro a outubro de 2024



Fonte: BNB/Base do Ativo. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE/Setorial.

Tabela 6 – Perfil geográfico da aplicação de recursos do FNE - Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste para Suinocultura, na área de atuação do Banco do Nordeste. Acumulado de janeiro de 2018 a outubro de 2024

Região	Contratos	Valor (R$)	% Valor
Semi árido	196.207	1.370.654.517,97	74,5%
Outras Regiões	72.975	469.583.776,63	25,5%
Total	**269.182**	**1.840.238.294,60**	**100,0%**

Fonte: BNB/Base do Ativo. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Tabela 7 – Resultados financeiros de empresas para as atividades "Criação de Suínos (0154-7/00)" e "Frigorífico - Abate de Suínos (1012-01/03)"

Empresas	Receita Operacional Total	EBITDA (%)	Lucro Bruto (%)	Lucro Operacional (%)	Retorno sobre Ativo Operacional (%)	Ano Fiscal
A	5.370.557,00	-	13,61	2,57	0,92	2023
B	1.925.983,00	2,14	11,13	0,04	0,08	2023
C	1.844.759,00	-4,36	9,85	-5,44	-4,02	2023
D[2]	468.487,00	0,26	11,94	1,11	-	2023
E[2]	229.056,33	8,58	41,80	17,33	-	2023
F	44.016,00	0,55	13,41	-1,22	-0,66	2023
G	17.511,00	-17,86	43,37	-8,97	-6,21	2023

Fonte: EMIS NEXT (2024).
Nota: 1) As dez empresas não identificadas localizam-se nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso, Ceará e São Paulo, com base na atividade principal "Criação de Suínos (0154-7/00)" e "Frigorífico - Abate de Suínos (1012-01/03)"; 2) Valores correntes (R$) médio e (%) médio, no caso de mais de uma empresa por estado. A cotação usada nos valuations e múltiplos é o preço de fechamento da data de referência. O preço de fechamento está sempre na moeda da Bolsa de Valores local.

3 SWOT NORDESTE

Pontos fortes e oportunidades	• Condições favoráveis de clima, com temperatura constante ao longo do ano; • Melhores condições de acesso a financiamento com encargos subsidiados; • Região do MATOPIBA, produtora de grãos (Bahia, Maranhão e Piauí); • Amplo mercado doméstico; • Demanda externa aquecida; • Câmbio favorável às exportações; • Presença de empresas âncoras; • Mercado institucional e formal para produtos in natura; • Mercado orgânico de produtos por meio do sistema de criação ao ar livre; • Inovações financiáveis para microgeração de energia (fotovoltaica), reuso de rejeitos para produção de energia (biogás); • Eixo Norte em operação como equipamento logístico de exportações para os produtos cárneos nordestinos, reduzindo custos (Porto de Itaqui, Maranhão); • Evolução no pensamento sobre a carne suína como segura à saúde humana; • Mudança tecnológica favorável nos pequenos e médios produtores; • Atividade com elevado padrão tecnológico;
Pontos fracos e ameaças	• Elevado custo de energia; • Alto custo do frete rodoviário; • Baixa infraestrutura de armazenamento de grãos; • Impossibilidade de repasse ao consumidor; • Tensões geopolíticas podem prejudicar as exportações; • Carência de marketing e campanhas para promoção dos benefícios à saúde pelo consumo da carne suína e de estratégias de fomento ao aumento do consumo.

4 Sumário Executivo Setorial

Ambiente político-regulatório	• O setor é regulamentado e está vinculado à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do MAPA, os quais são responsáveis pela inspeção dos produtos de origem animal para consumo humano e pela fiscalização de produtos para alimentação animal; controlados através dos selos de inspeção tanto nas esferas federal, estadual, quanto municipal. Desde 2020, os Estados nordestinos do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e mais recentemente (2024), Pernambuco tiveram o reconhecimento de equivalência dos seus serviços de inspeção de produtos de origem animal junto ao SISBI-POA (Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal), podendo ser comercializados em todo o país. As agroindústrias passarão a adquirir mais matéria-prima, beneficiando direta e indiretamente os produtores e empreendedores locais; • O ambiente político está imbuído em desburocratizar e simplificar processos e procedimentos de habilitação de estabelecimentos voltados para a exportação, além de trabalhar a sustentabilidade na produção, com foco em produtividade/área e segurança alimentar; o país está fortemente engajado na busca de cooperação horizontal entre países, blocos e organizações de referência para abertura de mercados e aumento nas exportações; • O momento econômico é desafiador, com elevação na taxa de juros real de 4,75% para 5,00% a.a. Em relação as exportações, de acordo com o COPOM, o Dólar está em alta, a expectativa é de que a taxa de câmbio se mantenha na faixa de R$/US$ 5,95 - 6,00; diante da depreciação cambial do Real frente ao Dólar, o que impacta no aumento da inflação.
Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas	• A intensidade dos eventos climáticos atuais tem causado impactos que se refletem em diferentes setores, incluindo a agropecuária. No Brasil, depois de quase três anos sob as condições de La Niña, o panorama climático mudou com a chegada do El Niño, desde junho/2023. A previsão climática sinaliza período de transição das condições de neutralidade para o La Niña durante o trimestre dezembro de 2024, janeiro e fevereiro de 2025, probabilidade de 50%. No Nordeste, há previsão de chuvas espacialmente irregulares, com volumes próximos e abaixo da média em grande parte da Região. Porém, em áreas do Ceará, leste e noroeste da Bahia, sul do Maranhão e sudeste do Piauí, podem ocorrer chuvas acima da média, que podem contribuir para a elevação do armazenamento hídrico do solo, principalmente entre janeiro e fevereiro de 2025. • Para mitigar as adversidades, estratégias como o ajuste genético de variedades tolerantes à seca e de alta performance, o escalonamento da data de semeadura, o preparo e correção do solo em profundidade, o uso de bioestimulantes e, quando possível, de irrigação, são fundamentais. Além disso, a adoção de fertilizantes antiestresse, a manutenção de uma cobertura adequada do solo e matéria orgânica e um controle fitossanitário integrado e rigoroso são essenciais para enfrentar os desafios impostos pelo clima. • Do lado da produção de grãos no país, atualizada até a última semana de novembro, passa para 322,4 milhões de toneladas, 8,2% ou 24,5 milhões de toneladas superior ao colhido em 2023/24. As estimativas do milho é de 119,6 milhões de toneladas, crescimento de +3,4% em relação ao ano anterior e da soja, 166,21 mil toneladas, +12,5% superior a safra 24/25. Apesar dos impactos climáticos do El Ninõ em 2023/2024, as perspectivas para safra ainda são boas para o Brasil, principalmente com a transição para o La Ninã. O que pode favorecer a redução nos custos de produção da suinocultura. • O mercado demanda que a cadeia de produtos seja mais sustentável, gerando adequação em todos os atores da cadeia, produtores, indústria e varejo. As estiagens que se observam em todo o País têm elevado o custo de energia. Demandam, portanto, investimentos, com recursos subsidiados, na geração de energia elétrica (fotovoltaica) como insumo para o setor produtivo. Entretanto, ainda é bastante elevado o custo de instalação da energia fotovoltaica. Por outro lado, em muitas granjas, a utilização de fontes renováveis de energia já é uma realidade, principalmente solar e energia de biomassa, como biodigestores na produção de biogás na forma de biometano e revertido no fluxo de produção como energia renovável (verde), além disso o reaproveitamento de dejetos na forma de bioinsumos, confere redução de custos com fertilização em lavouras, tornando-se uma ótima alternativa de valor agregado estratégico em tempos de alto custo de fertilizantes. Essas medidas repercutem como investimento a médio e longo prazo com impacto na redução de custos, tendo forte aplicação na manutenção de instalações, nas plataformas operacionais e de abate ou mesmo frotas de veículos de transporte.
Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específica para setor, existência de associações etc.)	• A atividade é tradicional no mercado nacional e está amparada por boa liquidez. Em 2024, no acumulado de janeiro a outubro, o VBP da Pecuária representou 32,6% do VBP Total (Pecuária + Lavoura). O VBP Pecuária/ Suínos obteve participação de 4,3% no VBP Pecuária. No Nordeste o VBP Suínos proporcionou um montante de R$ 536,12 milhões em valores gerados para economia regional, um crescimento praticamente ascendente desde 2018 (MAPA). • Todavia, na maioria dos municípios da região semiárida e áreas de atuação do banco, há pequena organização da cadeia de produtores, marcada por poucos produtores de médio porte e maioria de pequeno e mini produtores, mas que ainda trabalham de forma individualizada, sem sistemas integralizados e com pouca representação por meio de cooperações. Praticamente toda produção de carne suína no Nordeste é absorvida no mercado interno varejista, ainda com pequena expressão no volume nacional e de exportações; • Muitas instituições públicas de pesquisa amparam o setor (Unidades da Embrapa, Universidades Federais, Estaduais, Escolas Técnicas etc.), entretanto, a assistência técnica especializada ainda é incipiente, sendo necessário apoio para garantir esse acesso aos diferentes níveis de produtores; • No Nordeste há avanços em infraestrutura logística que favorecem as exportações, como: o Eixo Norte em operação, reduzindo custos os Porto de Itaqui, Maranhão; Suape em Pernambuco; regiões produtoras de grãos no Nordeste - MATOPIBA (Bahia, Maranhão e Piauí) e SEALBA (Sergipe, Alagoas e Norte da Bahia), fundamentais no abastecimento de grãos para a região a preços competitivos, com papel muito importante na redução dos custos de produção da atividade; o amplo mercado doméstico (institucional e formal), com elevada demanda insatisfeita; a demanda externa aquecida; apesar das oscilações no câmbio, este ainda está favorável às exportações.

Resultados das empresas que atuam no setor	• De acordo com dados da EMIS (2024), grande parte das maiores empresas do setor de criação e abate de suínos no Brasil teve desempenho positivo em 2023, tendo apresentado crescimento do EBITDA, do lucro e redução no endividamento. A maioria das empresas estão centralizadas, no Sul, Centro Oeste e Sudeste (MG; SP). Entretanto, a atividade vem avançando também pelo Nordeste, mas ainda precisa de investimentos de infraestrutura. Destaque para empresas de criação de suínos como Xerez avícola (CE), Guaiuba Agropecuária (CE), Agropaulo Agroindustrial (CE), Paudalho Agropecuária (PE), Granja Agromina (MA)alguns frigoríficos como Frigotil Timon (MA), o de Barreiras e Alagoinha (BA), que já tem a suinocultura como atividade secundária, sendo todas na região de atuação do BNB, com forte participação no mercado regional.
Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)	• Segundo IPEA, a produção agropecuária, de maneira geral, teve baixo dinamismo ao longo do ano – que continuou no terceiro trimestre de 2024 com quedas de 0,87% na margem e de 0,2% na comparação (dita "interanual") com o terceiro trimestre de 2023, implicando em menor disponibilidade de excedentes exportáveis e/ou maiores necessidades de importação de primários. Especificamente no mercado de carne suína, o País manteve estável suas exportações, apesar da retração na demanda chinesa, que ainda é o principal cliente do Brasil, porém com a retração o Brasil buscou diversificar o mercado, conseguindo manter estável as exportações. Para 2025, a perspectiva é de crescimento ajustado a demanda; • O Brasil sobressai com vantagem em relação aos concorrentes pela excelência no controle sanitário dos rebanhos, sendo livre até o momento, da Peste Suína Africana (PSA), Peste Suína Clássica (PSC), a Síndrome Reprodutiva e Respiratória Suína. Além disso, é reconhecido pela OMSA, como totalmente livre da Febre Aftosa COM vacinação e em algumas áreas como livre de febre aftosa SEM vacinação. A expectativa é que este controle venha favorecer as exportações de diferentes Estados do País. • No mercado interno, a possibilidade de redução nos custos de produção pela maior oferta de milho e soja e a estratégia de ajustar a oferta a demanda tem favorecido a valorização do produto na busca de maior rentabilidade para atividade no mercado interno. Com isso, os preços da carne suína ao consumidor seguem avançando em todas as regiões, justificada pelo aquecimento da demanda interna pela elevada competitividade com a carne bovina, uma vez que a arroba do boi gordo segue valorizada no mercado internacional, fortalecendo as exportações e com isso, melhorando as margens para a carne suína. • O Nordeste não tem tradição na produção, nem elevado consumo de carne suína. Mas a atividade está ganhando espaço a cada dia. Fato é que a demanda de consumo vem aumentando gradativamente, graças a competitividade do mercado de carnes. Com isso espera-se que a médio e longo prazo, as perspectivas possam ser cada vez mais promissoras, alavancadas pelos avanços da produção de grãos do MATOPIBA, na facilidade de escoamento pelos portos de Itaqui (MA) com potencial para exportações de cárneos, além da demanda de consumo em crescimento. As exportações estão crescendo ano a ano.

Referências

BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus: Relatório de Mercado.** 6 de dezembro 2024. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus/01112024. Acesso: 10 dez. 2024.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Boletim do Suíno**. https://www.cepea.esalq.usp.br/br. Acesso: 16 dez. 2024. 2024a.

_____. **Preços Agropecuários: Suínos.** Disponível em: https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/suinos.aspx. Acesso: 20 dez. 2024. 2024b.

_____. **Boletim Mercado de Trabalho do Agronegócio Brasileiro. Acompanhamento Trimestral. (2º Trimestre).** 2024c. Disponível em: https://www.cepea.esalq.usp.br/br/mercado-de-trabalho-do-agronegocio.aspx. Acesso: 30 out. 2024.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos,** Brasília, DF, v. 12, Safra 2024/25, n. 3. Terceiro Levantamento, 2024a. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos. Acesso: 17 dez. 2004.

_____. **Preços de mercado,** 2024b. Disponível em: https://www.conab.gov.br/infoagro/precos. Acesso: 17 dez. 2024.

EMIS NEXT BUSINESS RESEARCH. Visualizador de Empresas (Company Screener). São Paulo: ISI Emerging Markets Group. Contrato 2020/070 – Banco do Nordeste do Brasil S.A./Internet Securities do Brasil Ltda. Disponível em: https://www.emis.com/pt-br/ Acesso: 26 dez. 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Trimestral do Abate (PTA). 3º Trimestre**. 2024a. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/home/leite/. Acesso: 16 dez. 2024.

_____. **PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2024b. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=quadro-sintetico/. Acesso: 7 out. 2024.

_____. **INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor**. 2024c. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7063. Acesso: 26 nov. 2024. 2024c.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA. **Carta de Conjuntura – Comércio exterior do agronegócio: primeiro semestre de 2024**, n.64, 2024a. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/08/240801_cc_64_nota_3.pdf. Acesso: 10 nov. 2024.

_____ **Carta de Conjuntura – Visão Geral da Conjuntura** n.65, 2024b. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/12/241218_cc_65_nota_24_visao_geral_da_conjuntura.pdf. Acesso: 10 nov. 2024.

MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **VBPBrasil – Valor Bruto da Produção Brasil.** Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/valor-bruto-da-producaoatinge-r-1-2-trilhao-em-agosto. Acesso: 10 nov. 2024.

MDIC – MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Comexstat.** Disponível em: http: // comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso: 15 nov. 2024.

MTE – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS): Valores de remuneração, saldo de emprego, Suinocultura**, 2024. Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php. Acesso em: 14 nov. 2024.

SINDIRAÇÕES -SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO ANIMAL. **Boletim Informativo do Setor.** Disponível em: https://sindiracoes.org.br/wp-content/uploads/2024/12/boletim_informativo_setor_dez24_vs_final_port_sindiracoes.pdf boletim_informativo_setor_dez24_vs_final_port_sindiracoes.pdf . Acesso: 10 dez. 2024.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **PDS - Production, Supply and Distribution ONLINE: Livestock and Poultry.** 2024a. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads. Acesso em: 5 nov. 2024.

_____. **Livestock and Products Annual. União Europeia.** Setembro, 2024b, Foreign Agricultural Service. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/Report/DownloadReportByFileName?fileName=Livestock%20and%20Products%20Annual_The%20Hague_European%20Union_E42024-0026.pdf. Acesso: 28 out. 2024.

_____. **Outlook: Livestock, Dairy, and Poultry Outlook:** Novembro, 2024c, Economic Research Service. Disponível em: https://www.ers.usda.gov/webdocs/outlooks/110630/ldp-m-365.pdf?v=9604.2. Acesso: 30 nov.2024

_____. **Livestock and Products Annual. Brasil.** Agosto, 2024d, Foreign Agricultural Service. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/Report/DownloadReportByFileName?fileName=Livestock%20and%20Products%20Annual_Brasilia_Brazil_BR2024-0023.pdf. Acesso: 17 nov. 2024.

XIMENES, L. F. Carne Suína. **Caderno Setorial ETENE.** Fortaleza: Banco do Nordeste, ano 6, n. 171, 2021. 12p. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/828/1/2021_CDS_171.pdf . Acesso em: 7 nov. 2024.

ISSN Online 2966-3482

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial

Conheça outras publicações do ETENE

https://www.bnb.gov.br/etene